

UMA TENTATIVA DE ENTENDER "A MAÇÃ NO ESCURO"

Sônia Maria Machado *

A obra de Clarice Lispector é ainda considerada por uma grande maioria de leitores como difícil de ser entendida: "não se sabe onde ela quer chegar", "o que ela quer dizer", são observações que normalmente ouvimos, inclusive de alunos que fazem o curso de Letras e que implicitamente, deviam possuir o estatuto do texto.

Certa vez, quando começamos o nosso curso de pós-graduação, um colega fez uma observação que nos deixou muito à vontade. Dizia ele: "o melhor de termos voltado a estudar é a liberdade de podermos falar mesmo o que não é certo". Se estudando é que se pode tatear entre o certo e errado, é estudando que enfrentamos o desafio de fazer uma leitura de *A Maçã no Escuro*, romance de Clarice Lispector, publicado em 1961.

Num primeiro contato com o texto tivemos a impressão de que se tratava de uma história linear, extremamente organizada, e que visava a especificamente retratar a vida do protagonista Martim, após um suposto crime que ele teria feito. Este suposto crime seria o início do destino da personagem na narrativa, o que culminaria com a sua fuga, sua vida clandestina em uma fazenda e, finalmente com sua prisão.

Se tivéssemos ficado com esta interpretação, *A Maçã no Escuro* seria, sem dúvida, apenas mais uma obra lida. Fomos um pouco mais ousados e vimos que o *Crime* serviu somente de força geradora de todas as idéias exploradas, determinando assim a fragmentação da unidade temática do romance. Explicando melhor: o *Crime* é o foco para onde convergem todos os achados temáticos do romance. Através dele, ocorre uma ramificação dos conteúdos, contribuindo para uma maior riqueza significativa da matéria de ficção e para um rompimento da linearidade do próprio conteúdo.

Tudo isso parece meio confuso se não considerássemos o talento ficcional de Clarice Lispector. Esse rompimento e essa fragmentação constantes, em suas obras (vale aqui acrescentar que lemos toda a sua produção literária), revelam o pleno domínio que Clarice Lispector tem da arte de escrever. Ela não perde em momento algum o controle objetivo do seu texto. E, aqui, tomamos emprestadas palavras de Alceu Almoroso Lima que tão bem definem a escritora.

* Mestre em Letras — UFSC

Professora na Universidade Federal de Sergipe.

"Ninguém escreve como ela. Ela não escreve como ninguém. Só seu estilo mereceria um ensaio especial. É uma chave verbal diferente, à qual o leitor custa a adaptar-se. É preciso ler muito devagar as primeiras páginas, para entrar nesse plano estilístico singular, cheio de mistério e de sugestão. Uma vez nele, cremos que o leitor sentirá o mesmo encanto sombrio que sentimos. E que coloca Clarice Lispector numa trágica solidão em nossas letras modernas" (2).

Lemos *A Maçã no Escuro*, tentando apreender o problema do fluxo da consciência que é tão clarividente em todas as nuances da obra. Clarice Lispector não se preocupa em contar uma história, a sua preocupação maior, arriscando afirmar, é viver essa história. É a história de Martim, distribuída em três etapas ou nos vinte e sete capítulos, que ela vive como síntese da história da própria humanidade.

Para situar melhor o leitor no texto narrativo que ora comentamos, retomamos as palavras do Prof. Benedito Nunes, grande estudioso da obra da escritora, que assim caracteriza cada etapa de *A Maçã no Escuro*.

"Como se faz um homem" sucede imediatamente ao divórcio com a sociedade, é a fase de isolamento interior completo, de plena solitarização da consciência, durante a qual o personagem, em meio aos rudes trabalhos do campo, reconhece a singularidade de seu individual; a segunda "*Nascimento do Herói*" é a fase de reconstrução de Martim como pessoa, quando ele, já ligado afetivamente a Vitória e a Ermelinda, se faz herói, capaz de alto sacrifício e destinado a desempenhar uma missão entre os homens; a terceira "*A Maçã no Escuro*" no fim do romance, com a chegada dos policiais, em que a sanção, desagregando essa identidade postiça de herói e anulando os efeitos de ruptura do delito, devolve o suposto criminoso ao convívio dos outros" (3).

Como podemos ver, a preocupação maior do romance está em torno de Martim, ele que sendo protagonista, parece transcender às raízes da ficção e participar diretamente das vivências normais do cotidiano humano.

É o fluxo da consciência de Martim, que tentamos aprender através de suas ações, e do próprio texto. *A Maçã no Escuro* oferece uma infinidade de tópicos, onde podemos captar os comportamentos dos personagens diante das situações impostas. O conteúdo da obra retrata a consciência que é o material básico do romance.

Portanto, podemos observar através de Martim e dos demais personagens, a exploração de temas que representam valores existenciais bem diferenciados, como: *vida, morte, prazer, desprazer, eu, os outros, esperar, desesperar, agir, não-agir, negar, afirmar, medo, coragem, tempo, não-tempo*, valores estes que constituem ângulos opostos, sustentam a atmosfera da narrativa e que são básicos em toda dialética de Clarice Lispector.

O primeiro enfoque que encontramos a nível de fluxo da consciência na obra é que não há uma sequência lógica entre o assunto tratado em um capítulo e o capítulo que se lhe segue. De maneira abrupta o narrador troca de assunto, às vezes retornando-o em capítulos bem distantes e em contexto bem diferente. Este corte repentino caracteriza, certamente, a fluidez do texto que representa a fluidez mental do narrador ou dos personagens da obra.

No entanto, é através de Martim, conforme já afirmamos, que o fluxo da consciência pode ser analisado com maior frequência. Vejamos este longo trecho, entrecortado por apartes do narrador, onde Martim tenta desabafar para as pedras, justificando seu crime como um momento de cólera.

O fluxo da consciência aí se dá através desses cortes e interrupções, da exteriorização da intimidade de Martim, das mudanças abruptas de assuntos, das rememorações através das lembranças, da mistura de monólogos que denunciavam as ondulações internas do pensamento, da preocupação com o tempo, enfim de todo um redemoinho de enfoques.

"Eu era como qualquer uma de vocês, *disse* então muito subitamente para as pedras pois estas pareciam homens sentados" (4) (*monólogo Interior Indireto*)

"Como explicar a vocês — que têm a calma de não ter futuro (*referência temporal*) que cada cara tinha falhado, e que esse fracasso tinha em si uma perversão como se um homem dormisse com outro homem e assim os filhos não nascem" (5) (*Monólogo Interior Direto*).

"A sociedade estava toda chata *disse* minha mulher (uso de flash-back através do *processo da livre associação*) — *lembrou-se* (*interferência do narrador* — *Monólogo Interior Indireto*) o homem sorrindo com muita curiosidade" (6).

"Não, não estou mudando de assunto: *descobriu* surpreendido, pois seu pai é que sempre tivera certa tendência a mudar de assunto e mesmo na hora de morrer havia virado o rosto para um lado" (7) (*Monólogo Interior Indireto e Descrição Onisciente*).

"Flávio 30-9-69" (8) (Colocação indevida a nível do que vem sendo narrado).

"Ainda se perguntou com uns restos de escrúpulo: foi isso mesmo o que me aconteceu?" (9) (*Descrição Onisciente e Monólogo Interior Direto*).

"Na verdade, nesse instante, sua única ligação direta com o crime concreto foi um pensamento de extrema curiosidade: como é que isso pode acontecer a mim?" (10) (*Descrição Onisciente e Monólogo Interior Direto*).

"Ele se *lembrou* de seu filho que um dia lhe dissera: eu sei por que é que Deus fez o rinocerante, e por que Ele não via o rinocerante, então fez o rinocerante para poder vê-lo Martim estava fazendo a verdade para poder vê-la" (11) (*processo da livre associação psicológica* — *Descrição Onisciente*).

"Mas, também isso, só quem vive entende. Que poderia ele afinal dizer, e que uma pedra entendesse? Que o tempo ia oportunamente passando pois o tempo era o duro material da pedra" (12) (*Descrição Onisciente*).

Vimos então neste trecho a exploração das técnicas mais usadas pela literatura de fluxo da consciência. Além da mistura de técnicas, podemos notar ainda uma mistura de assuntos, que apareceu para caracterizar a confusão que se passa na interioridade de Martim.

A princípio, temos a impressão de que se trata de um solilóquio pois o discurso implica sempre na presença de um falante que expõe as suas idéias para uma determinada platéia, no caso, as pedras personificadas. No entanto, à medida que penetramos no texto, concluímos que não se trata de um discurso propriamente dito, e sim, de uma conversa que se passa na intimidade de Martim e que sofre por várias vezes a interferência do narrador.

No trecho analisado, vimos por exemplo, o uso do monólogo interior direto, quando Martim se dirige para as pedras. Às palavras são jogadas de sua interioridade sem que ninguém interrompa o pensamento dele.

No entanto, nesse mesmo exemplo, encontramos a interferência do narrador conduzindo o pensamento de Martim "Os verbos" *dizer, lembrar, pensar* e os demais verbos, que aparecem gritados no trecho, mostram tratar-se de exemplos de monólogos interior indireto, onde a mensagem é canalizada diretamente pelo narrador.

O fluxo da consciência se dá também através das recordações que se passam na consciência de Martim. Ele está constantemente ligado ao seu passado que reaparece no texto através da lembrança que ele tem da mulher, do pai, do filho e da própria sociedade. Essa lembrança volta a sua mente através da livre associação psicológica — fatos que se passam na sua atualidade são confundidos com experiências anteriores

Aparece ainda no texto uma citação — "Flávio 30-9-69 que fica sem sentido em relação ao que vem sendo narrado. Este é um tipo de recurso que além de mostrar a desestruturação da narrativa, que gera um conteúdo caótico, prova a interferência constante do narrador enriquecendo o seu processo criativo.

Por isso, o que importa em *A Maçã no Escuro* não é a seleção de técnicas usadas por Clarice Lispector, e sim, como já mencionamos, os temas que geram o conflito da narrativa. E, a partir de uma afirmativa como esta, podemos concluir que

- 1º) há uma predominância do narrador onisciente em todo o romance;
- 2º) o foco narrativo está em 3ª pessoa, poucas são as vezes que Vitória, Martim e Ermelinda agem diretamente por si mesmos;
- 3º) Clarice Lispector concebe seu trabalho a partir da personagem, controla cada movimento, cada atitude, como numa espécie de programação de sua individualidade, onde a consciência é vista pelo modo como ela reage diante dos fatos e ocorrências narrados.

Já ficou demonstrado que nossa leitura focalizou o fluxo da consciência a partir do protagonista. Martin é quem oferece maiores possibilidades de amostra da realidade interior. Na travessia vivida por ele na obra, percebemos claramente o sentido de perfeição que o narrador espera que ele atinja. No entanto, é o seu perfil estacado, a sua insegurança íntima, que facilitaram bastante ao estudo a que nos propusemos. Portanto, é principalmente do ângulo de Martin que a narrativa pode ser considerada como representativa do fluxo da consciência. A sua intimidade torna-se transparente, porque a narração flui muito próximo a sua consciência.

Também para essa obra de Clarice Lispector vale a pena transferir a observação que Roberto Schwarz fez a *Perto do Coração Selvagem*, pois também em *A Maçã no Escuro* podemos concluir que:

"Mais que apresentar ao leitor o histórico do isolamento, Clarice Lispector micro-relata os momentos em que este mais se manifesta. O romance é por isso mesmo, desprovido de estrutura definida (o que nada tem a ver com carência). Seus episódios não se ordenam segundo um princípio necessário; agem por acúmulo e insistência; é na diversidade exterior das experiências sucessivas que melhor reconhecemos a unidade essencial da experiência de Joana, e o conseqüente desapareceu do tempo como fonte de modificação" (13).

Notas e Explicações:

- (1) As palavras não são textuais, apenas reproduzem o pensamento do nosso colega Casimiro Távora.
- (2) LIMA, Alceu Almoroso Apud *A Maçã no Escuro*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- (3) NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo, Quíron, 1973.
- (4) LISPECTOR, Clarice *A Maçã no escuro*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1974, p. 29.
- (5) Ibid. p. 30
- (6) Ibid. p. 30
- (7) Ibid. p. 30.
- (8) Ibid. p. 30
- (9) Ibid. p. 31
- (10) Ibid. p. 31
- (11) Ibid. p. 32
- (12) Ibid. p. 35
- (13) SCHARZ, Roberto *A Sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 1965, p. 38.